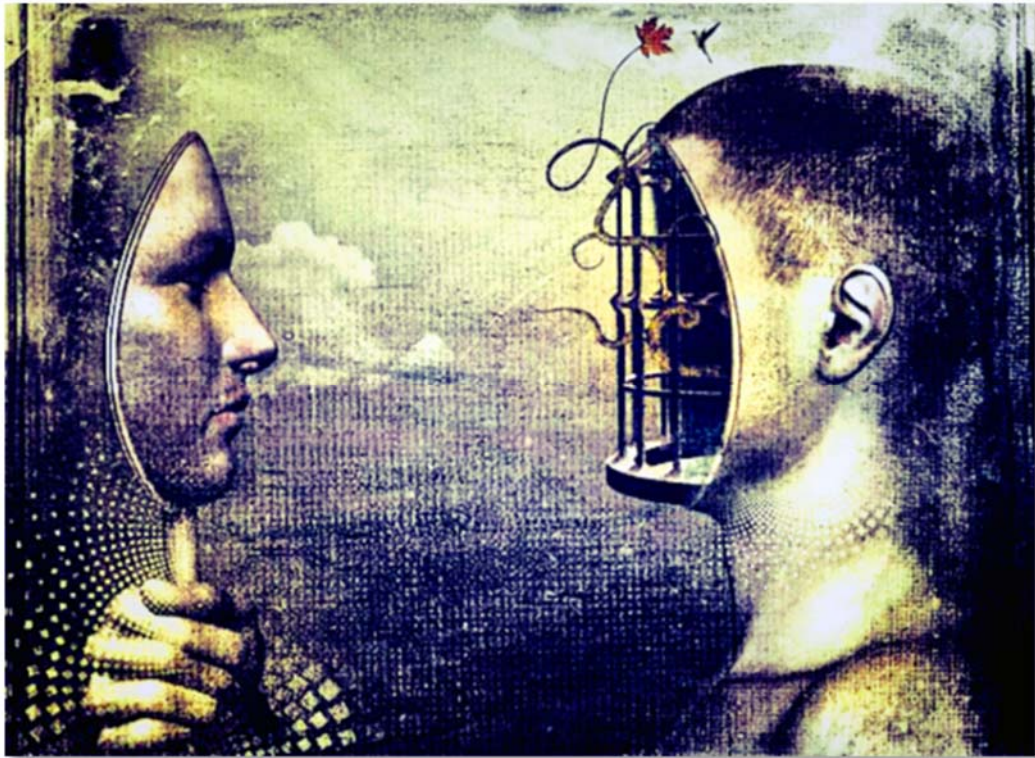


MAS



## Conhece-te a ti mesmo

Manuel Abranches de Soveral

É muito difícil escapar às banalidades e aos erros de análise escrevendo em pleno fenómeno sobre a pandemia viral de 2019/21. Contudo, é desde já possível dizer que a chamada "*gripe espanhola*", que entre 1918 e 1920 infectou cerca de um quarto da população mundial (500 milhões), matando possivelmente 100 milhões de pessoas, constitui um precedente evidente.

Contudo, em Janeiro de 2020 muito poucos europeus em geral e portugueses em particular sabiam dizer com rigor o que foi a "*gripe espanhola*", nem essa pandemia ocupava lugar de relevo nos programas escolares. Tendo esses anos ficado na memória histórica

comum muito mais como o fim da 1ª grande guerra e o tempo da reconstrução europeia.

Deste facto podemos desde logo retirar uma conclusão evidente: a sociedade que hoje sofre a nova pandemia descende da larga maioria dos sobreviventes da "*gripe espanhola*", para os quais a morte de cerca de 5% da população mundial de então, por muito dolorosa que certamente foi, não constituiu entrave à reconstrução do futuro em plena crise nem teve direito a especial lugar na memória comum. Todos conhecem, espalhados pelas praças europeias, memoriais aos mortos nas grandes guerras e continuam a ser relembrados em várias cerimónias oficiais. O mesmo se passa, por exemplo, com as vítimas do holocausto judeu na Alemanha. Mas ninguém comemora ou lembra os 100 milhões de mortos da "*gripe espanhola*". Porque será?

É evidente que a sociedade do início do século XX era muito diferente da sociedade do início do século XXI. E esse é, na verdade, o principal factor de diferenciação.

A História não se repete porque, face a fenómenos idênticos, apesar da natureza humana ser basicamente imutável, a cultura e os factores civilizacionais mudam o suficiente para provocarem respostas sociais substancialmente diferentes. Portanto, pela sua dimensão e consequências, esta epidemia de 2019/21, mesmo que não atinja as proporções da epidemia de 1918/20, servirá sobretudo para analisar comparativamente a sociedade actual, os seus valores e capacidades, as suas dependências e fragilidades, quer no que respeita ao verniz mundializado da globalização quer às vertentes mais telúricas das diversas culturas nacionais ou regionais que lutam pela sobrevivência.

Neste final de Abril em que escrevo é já possível descortinar na sociedade dita Ocidental uma fractura clara entre aqueles, poucos, que temem mais a cura do que a doença, e uma maioria esmagadora que se concentra de corpo e alma no pânico de ficar infectada. Este medo é

perfeitamente razoável nas chamadas pessoas de risco, sobretudo os idosos ou os que padecem de doenças não controladas do foro respiratório ou outras que enfraquecem as naturais defesas imunitárias. Mas geralmente incompreensível nos outros, salvo no que toca ao receio de se transformarem em veículos de propagação do vírus aos grupos de risco.

Como as autoridades não se cansam de repetir, o chamado confinamento social precedeu na maioria dos casos as ordens oficiais nesse sentido. A população escondeu-se, em pânico, e provavelmente assim continuará mesmo depois de relaxadas as medidas oficiais, recusando-se a trabalhar enquanto puder fazê-lo. E compensa este comportamento, objectivamente egoísta e anti-social, com piadosos votos de esperança, caridadezinhas e outras inutilidades poéticas ou canoras. Caindo muitas na depressão ou loucura que normalmente afecta as pessoas que não suportam ser contrariadas pela realidade.

A verdade, contudo, tal como as coisas se apresentam neste momento, é que esta pandemia durará pelo menos até 2021, ou seja: a indispensável vacina, disponível para todos, demorará mais de um ano, na melhor das hipóteses. Esta evidência, já disponível no início da pandemia, levou alguns a perceberem desde cedo que não seria possível confinar o mundo durante mais de um ano, sobretudo pelos desastrosos efeitos económicos que tal coisa acarretaria. O dilema passou assim à necessária escolha entre a economia e a altura da famosa curva epidémica.

Um governo bem informado e sábio, por muito impossível que isso seja, teria tido desde o início um discurso que não incutisse medo no geral da população e isolado imediatamente todos os grupos de risco, mormente os idosos e os seus cuidadores. Os reformados já só têm participação na economia como consumidores, pelo que o seu rigoroso isolamento não traria consequências económicas de maior. Quanto ao resto da população, quanto mais depressa ficasse infectada, mais depressa

ficava imune. Sendo que uma curva epidémica mais aguda não teria efeitos demasiado gravosos para os serviços de saúde, se desse contágio fossem afastados os grupos de risco (que ocupam mais de 80% dos equipamentos de cuidados intensivos) e o pessoal de saúde fosse devidamente protegido, com equipamento e gestão de pessoal avisada. Da mesma forma, um governo bem informado e sábio teria imediatamente proibido a entrada no país de estrangeiros com mais de 65 anos. A economia continuaria a funcionar normalmente, e desde cedo teria sido incorporado na produção nacional todo o tipo de produtos que se previsse que a procura mundial e o colapso das cadeias de abastecimento internacionais tornassem inacessíveis, criando inclusive oportunidades de exportação.

Nada disto foi feito, e no tempo em que tudo isto devia estar a ser implementado a nossa Direcção Geral da Saúde dizia que o vírus não era contagioso e não chegaria a Portugal... Se bem que nisto tenha a desculpa de seguir as informações da Organização Mundial da Saúde, cuja actuação foi objectivamente desastrosa.

Controlar as autoridades e os governos e pedir contas políticas daquilo que eles não fizeram é a única forma que as pessoas têm, em democracia, de exercer a soberania que delegaram. Mas para além deste ajuste, subjaz uma verdade insofismável: os dirigentes são o produto da sociedade que os elege e reflectem necessariamente a cultura e ideologia desses eleitores. Não é portanto de esperar que actuem de forma substancialmente diferente. Apesar da cultura e ideologia dos órgãos de comunicação social dominante, sobretudo os televisivos que, ao invés do que diz a autopropaganda, apenas se representam a si próprios, muitas vezes completamente divorciados da maioria da população, o que produz sempre na sociedade uma esquizofrenia latente.

Portanto, os governos em geral actuam em conformidade com o pensamento dos seus eleitores e por todo o lado se verifica que os líderes

políticos, mesmo os mais desastrosos ou com pior imprensa, têm tido nas sondagens o beneplácito dos seus apoiantes.

Por isso, na maior parte dos casos, os líderes mais lúcidos e informados agem muitas vezes a contragosto, pressionados pelo pensamento dominante das massas suas apoiantes, conscientes de que não podem, sob pena de suicídio político, contrariar de forma evidente ideias populares, por mais imbecis que sejam.

É portanto a sociedade actual, sobretudo a sociedade dita Ocidental, que esta pandemia veio pôr em evidência. Uma sociedade infantil e caprichosa, irrealista, sentimental e temperamental, profundamente deprimida, irracional na medida em que quer coisas incompatíveis e nem sequer se apercebe dessa impossibilidade, incapaz de pensar a médio prazo e portanto de prever e gerir seja o que for, totalmente dependente quer do Estado quer das tecnologias, massificada e alienada. E, apesar da abundância de informação disponível, ou exactamente por causa disso, e da crescente especialização tecnológica e profissional, imensamente ignorante e, portanto, parcial, insensata, proselitista e teimosa.

Podem, pois, bradar no deserto aqueles poucos que advertem contra os perigos de todo o tipo de excepionalidades que ponham em causa as liberdades. Aqueles que temem o crescente Estado policial, a constante interferência estatal e tecnológica na vida das pessoas, a perda de direitos individuais, enfim, o regresso das soluções políticas do século XX que, apesar do que reescreve a propaganda, criou mais ditaduras de esquerda do que outra coisa. Podem dizer agora que é coisa passageira, imposta pelas circunstâncias excepcionais. Mas o poder habitua-se depressa a estas coisas e toma-lhe facilmente o gosto.

Neste país de maus poetas e falsos profetas, muitos gostam de adivinhar que nada será como era depois desta pandemia. Gostaria de acreditar que alguma coisa pudesse melhorar; mas já me contento se tudo voltar

ao normal. O que verdadeiramente temo é que tudo fique pior: um Estado omnipresente e onnipotente a coarctar as liberdades; uma economia em ruínas com os mais produtivos a pagar a factura; e uma sociedade ululante e incontrolável, sem pão nem circo, a demandar e a justificar o que de pior George Orwell podia imaginar.

Se assim for, também esta pandemia de 2019/21 não será no futuro lembrada pelos mortos que provocou, nem tão-pouco pela longa e dolorosa reconstrução económica que obrigou. Mas sim como o princípio do fim das liberdades, que já antes não eram muitas.

Porto, 27.4.2020